

DE GENERAL A VISCONDE: JOSÉ ANTÔNIO CORREA DA CÂMARA NA CAMPANHA DA CORDILHEIRA E NA CAÇADA FINAL A SOLANO LÓPEZ

FROM GENERAL TO VISCOUNT:
JOSÉ ANTONIO CORREA DA
CÂMARA ON THE CORDILLERA
CAMPAIGN AND THE FINAL HUNT
FOR SOLANO LÓPEZ

André Átila Fertig¹

Endereço Profissional: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH). Departamento de
História. Av. Roraima, n. 1000. Santa Maria/RS. CEP - 97015-900.

Resumo: Na Guerra do Paraguai, na Campanha da Cordilheira e na fase final de caçada e captura de Solano López, o General José Correia da Câmara, militar e político do Rio Grande do Sul, se destacou como importante comandante das forças aliadas. Nossos objetivos nesse artigo são – por intermédio da análise das cartas recebidas e enviadas pelo General – dimensionar sua atuação na fase final da guerra e também destacar que, no período abordado, Câmara surgia como personagem político importante nos quadros do sistema político do Império do Brasil.

Palavras-chave: História Política; Guerra do Paraguai; Império do Brasil.

Abstract: In the War of Paraguay, in the Cordillera Campaign and the final stage of the hunt and capture of Solano López, General José Correia da Câmara, military and political Rio Grande do Sul, stood out as top commander of the allied forces. Our goals in this article are - through the analysis of the letters received and sent by General - scale its performance in the final phase of the war and also noted that in the period covered, Câmara emerged as an important political figure in the frames of the political system of the Empire of Brazil.

Keywords: Political History; The Paraguayan War; Empire of Brazil.

¹ Doutor em História pelo PPGH/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

O nosso personagem histórico e algumas observações teórico-metodológicas

José Antonio Correa da Câmara nasceu em Porto Alegre em 1824 e faleceu no Rio de Janeiro em 1893. Ele iniciou sua carreira militar em 1839, durante a Guerra Farroupilha, no 3º Regimento de Cavalaria Ligeira, lutando pelo Império do Brasil, assim como esteve nas campanhas militares no Uruguai entre 1851-1852. Em fevereiro de 1864, aos 40 anos de idade, quando partiu de Porto Alegre em direção à fronteira com o Uruguai para enfrentar os blancos uruguaios, ele já possuía um expressivo currículo de participações em conflitos bélicos a serviço do Império do Brasil. Durante o conflito com o Paraguai Câmara tornou-se Brigadeiro (1868) e participou da perseguição final a Solano Lopez em Cerro Corá (março de 1870), tornando-se Marechal de Campo e obtendo o título de 2º Visconde de Pelotas. Na esfera política, já como Visconde de Pelotas foi Ministro da Guerra no Gabinete liberal de Saraiva e senador liberal entre 1880-1889. Com a República foi o 1º Presidente do Estado do Rio Grande do Sul (15/11/1889-11/02/1890) e organizou a União Nacional, frente de oposição aos castilhistas.²

Quanto as nossas preocupações teórico-metodológicas observamos que a pesquisa histórica, em âmbito acadêmico, nas últimas décadas, voltou a preocupar-se com o papel do indivíduo no processo histórico. Esquecido ou colocado em segundo plano por muitos historiadores ao longo do século XX, influenciados teoricamente, em grande parte, pelos marxismos ou pela Escola dos Annales, o indivíduo na história tem recebido, desde as últimas décadas do século XX até o presente, uma significativa atenção por parte dos historiadores, haja vista a quantidade de produções historiográficas que resultam em biografias, estudos de trajetórias e vivências pessoais, estudos de caso de homens e mulheres, tanto da elite como de estratos sociais mais baixos da sociedade, como marginalizados ou excluídos.

Mesmo quando os historiadores se preocupam em realizar uma história do tipo sociológica, como a história política das elites ou a história agrária, somente para citar duas abordagens, há usualmente a intenção do historiador – que dialoga teórica e metodologicamente, por exemplo, com a microhistória italiana e/ou com a teoria das redes sociais - em focar o ser humano concreto, suas ideias, experiências de vida e sociabilidade.³

Do ponto de vista metodológico, o uso privilegiado de cartas como fonte histórica na produção do conhecimento histórico, está relacionado ao objetivo acima expresso,

2 PORTO ALEGRE, Aquiles. *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Erus, s/d; e FRANCO, Sérgio da Costa. *Dicionário político do Rio Grande do Sul (1821-1937)*. Porto Alegre: Suliani Letra&Vida, 2010.

3 Sobre a história social das elites ver: HEINZ, Flávio (Org.) *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006 e HEINZ, Flávio (Org.). *História social das elites*. São Leopoldo: Oikos, 2011.

de alcançar o ser humano no tempo passado, suas experiências de vida social e também suas singularidades. Consideramos as cartas como um escrito autobiográfico, uma escrita de si em diálogo com outro, na qual o indivíduo, como sugere Teresa Malatian, “assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta”⁴. Além disso, do ponto de vista hermenêutico, as cartas permitem ao historiador conhecer a dimensão privada da vida das pessoas do passado, já que sentimentos, emoções, experiências são relatadas do ponto de vista pessoal nas fontes e podem ser conhecidas. No âmbito da abordagem em história política é possível entrelaçar, pelas correspondências, as esferas da vida privada com vida pública dos personagens em estudo.

No intuito de cumprir tais objetivos almejamos realizar uma narrativa historiográfica que faça a articulação necessária e fundamental entre texto/contexto, indivíduo/sociedade, enfim, que, partindo de uma pessoa ou de um elemento singular do passado, consiga ampliar a abordagem para uma história mais social e mais global, entrelaçando personagens históricos, eventos e contextos históricos, princípio fundamental e imprescindível que deve nortear a produção do conhecimento histórico. Renato Lemos, em estudo sobre Benjamin Constant, exemplifica com pertinência essa preocupação que o historiador possui ao se interessar pelo indivíduo na história:

Examinada de um ponto de vista que integra, como fatores explicativos da sua expressão social, particularidades biográficas e questões conjunturais, a vida de Benjamin Constant indica como o individual e o coletivo configuram a ampla zona de intersecção em que a biografia ganha sentido histórico. A significação geral de sua vida individual deriva do caminho que percorreu na sua formação pessoal, especialmente no que diz respeito a opções feitas diante de encruzilhadas intelectuais e políticas. Nesse percurso, algumas de suas intervenções pessoais contribuíram para alterar o rumo do processo histórico brasileiro. Há em sua vida, entretanto, significados particulares emblemáticos da maneira como tendências gerais são sintetizadas pelo indivíduo, tornando-o em si um rico objeto de estudo.⁵

É dessa maneira que pretendemos abordar o General Câmara, entrelaçando o individual e o social, percorrendo a trajetória de atuação do personagem em um contexto específico, a Guerra do Paraguai. Também desejamos compreender suas ações e seu pensamento, ou seja, seu papel de representação e intervenção no processo histórico, afinal trata-se de um personagem singular e que possuía - por ser um militar de alta patente e uma liderança política emergente - esse poder de alterar o rumo dos acontecimentos e de nos oferecer um testemunho privilegiado sobre o que estava

4 MALATIAN, Teresa. “Narrador, registro e arquivo”. In: PINSKY, Carla e LUCA, Tania (orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009, p. 195.

5 LEMOS, Renato. Benjamin Constant: biografia e explicação histórica. Estudos Históricos, n. 19, 1997, p. 67-68.

acontecendo no Paraguai. Ao mesmo tempo, buscamos identificar, como diz a citação acima, como tendências mais gerais foram sintetizadas por Câmara. Como, por exemplo, nosso personagem, percebeu a política externa e os enfrentamentos bélicos na Região do Prata, fenômenos históricos importantes daquela conjuntura.

Tarefa árdua, cabe ao historiador dimensionar o poder de atuação dos indivíduos na história, visto que faz parte do seu ofício, como observou Antoine Prost, hierarquizar as causas de um determinado fenômeno histórico e o papel dos indivíduos nesse fenômeno. Neste aspecto, defendemos a relevância de nosso personagem de estudo, um militar e político de destaque, pois, segundo Prost, o historiador não pode explicar exclusivamente pelas “tendências pesadas” ou a partir “das intervenções dos atores”, mas cabe a ele cruzar as duas dimensões e construir “um universo de responsabilidades sob coações, onde a fatalidade é excluída, mas onde a liberdade jamais é total. De acordo com o tipo de história que fazem, os historiadores são mais sensíveis ao peso das coações ou ao papel dos atores”. Ainda segundo Prost, a história política, dos partidos, governos, revoluções e golpes de Estado, estaria mais ao lado dos atores, acentuando a importância dos indivíduos.⁶ Aproveitaremos esta característica da história política para valorizar nosso indivíduo, José Antônio Correa da Câmara. Entretanto, não temos a pretensão ou a cobiça ingênua de recuperar o General Câmara *verdadeiro*, visto que este é um objetivo impossível, muito menos em idealizá-lo como herói. Pretendemos apresentar uma versão plausível das percepções do General quando estava envolvido nas batalhas e cotidiano da Guerra do Paraguai, particularmente, na fase final do conflito, destacando nossa preocupação em explicar, analisar e problematizar o passado em foco. Portanto, como defende Benito Schmidt, para além do oportunismo editorial, a retomada atual da preocupação dos historiadores com histórias de indivíduos e biografias, tem possibilitado uma pertinente articulação entre narrativa biográfica e história-problema.⁷

Assim, como todo historiador deve estudar os homens no tempo passado orientado por questões do seu tempo, pois fazer perguntas significa a possibilidade de se oferecer uma explicação sobre este mesmo passado, em síntese, um sentido para o passado, cabe a nós explicitarmos algumas das perguntas que norteiam nossa investigação: Como José Antonio Correa da Câmara percebeu o conflito? O que ele selecionou para relatar, em âmbito privado, a sua esposa, Maria Rita? Que preocupações e sensações ele tinha durante sua permanência nos campos de batalha? E, questão principal neste artigo, qual a dimensão da atuação militar do General Câmara nessa fase final do conflito que o habilita a um futuro próximo de nobiliarquia e protagonismo político na Província do Rio Grande do Sul e, mais ainda, na Corte

6 PROST, Antoine. Como a história faz o historiador? Anos 90. Porto Alegre, n. 14, dezembro de 2000, p. 15.

7 SCHMIDT, Benito. A biografia histórica: o “retorno” do gênero e a noção de “contexto”. In: GUAZZELLI, C; PETERSEN, S; SCHMIDT; XAVIER, R. Questões de teoria e metodologia da história. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

imperial. Enfim, estas são algumas das perguntas que pretendemos responder a seguir através da análise das cartas enviadas por Câmara à Maria Rita e as correspondências recebidas por ele de alguns amigos e colegas de farda durante a campanha da cordilheira e fase final da Guerra do Paraguai.

Atuação do General Câmara na Guerra do Paraguai (1864-1870) no período anterior à Campanha da Cordilheira

Em maio de 1865, no Rio de Janeiro, Câmara recebeu o convite do ministro da Guerra, Angelo Moniz da Silva Ferraz, para ser o comandante de um batalhão de Voluntários da Pátria, o 5º Regimento de Cavalaria, que iria dirigir-se ao Paraguai. Já em Porto Alegre, no dia 24 de junho daquele ano, ele embarcava para Rio Pardo para se juntar a força bélica que, sob o comando de Manoel Luis Osório⁸, Comandante do Exército em operações contra o Paraguai, iniciava a travessia do rio Uruguai, na região de Salto para Concórdia.

Em setembro de 1865 Câmara era nomeado Deputado do Quartel Mestre-General do Estado-Maior do Tenente-General Manoel Marques de Souza, Barão de Porto Alegre, que havia sido indicado em julho do mesmo ano chefe do exército em operações no Rio Grande do Sul, uma espécie de exército de retaguarda, responsável pela defesa das fronteiras da Província, cujo Quartel General era em São Borja. Câmara atuou na rendição de Uruguaiana, ficando nesta cidade a serviço das forças comandadas pelo Barão de Porto Alegre, sendo inclusive condecorado Oficial da Ordem de Aviz após a rendição de Uruguaiana. Em novembro de 1865, Câmara se dirigiu a São Borja, onde no início do ano de 1866 reorganizou seu exército em 4 divisões, sob comando do General Portinho, General Gonçalves Fontes, Coronel Silva Ouriques e Francisco Pedro de Abreu (Barão do Jacuí). Além dessas quatro divisões havia também duas brigadas e alguns Corpos independentes. No total, segundo Rinaldo Pereira da Câmara, havia cerca de 13.000 homens.⁹

Em 5 de fevereiro de 1866, Câmara orientou a passagem da 3ª divisão através do rio Uruguai e também a passagem da 1ª divisão em Garruchos. Finalizada a passagem do rio Uruguai, em 20 de março, as forças comandadas por Marques de Souza acamparam em Itacuí. Entre março e julho aconteceram alguns confrontos com os paraguaios quando da longa marcha das tropas que, em julho de 1866, chegaram à Itapirú e Passo da Pátria, próximo ao entroncamento dos rios Paraná e Paraguai.

⁸ Manoel Luís Osório nasceu em Conceição do Arroio, atual Osório-RS, em 1808 e faleceu no Rio de Janeiro em 04/10/1879. Na Guerra Farrroupilha lutou inicialmente pelos farrroupilhas, mas em 1836 aderiu aos legalistas junto com o Coronel Bento Manoel Ribeiro. Participou na campanha militar contra Rosas em 1851/52. Na política partidária foi liberal, participando da organização do Partido Liberal a partir de 1861. Na Guerra do Paraguai teve atuação destacada, participando de diversas batalhas. Ferido a bala, em meados de julho de 1866 Osório voltou ao Rio Grande, quando organizou o 3º Corpo do Exército e voltou ao Paraguai em junho de 1869, participando da Batalha do Avaí, quando foi ferido a bala no maxilar. Após a guerra, assim como o General Câmara, Osório recebeu título de nobreza, tornando-se o Marquês de Herval e também ascendeu na vida política como senador do Império (1877) e ministro da Guerra durante o Gabinete liberal do Visconde de Sinimbu entre 1877-1879. Para mais informações ver: FRANCO, Sérgio da Costa. Dicionário político do Rio Grande do Sul (1821-1937). Porto Alegre: Sulliani Letra&Vida, 2010.

⁹ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. Marechal Câmara: sua vida militar (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 128.

José Antonio Correa da Câmara, em 3 de setembro de 1866, participou do ataque vitorioso das forças brasileiras à Curuzu. Após a vitória em Curuzu, as forças aliadas esperaram se reorganizar para atacar Curupaiti, visto que o Quartel General Paraguai se situava bem próximo dali, em Passo-Pacu. Todavia, em reunião poucos dias depois, em 8 de setembro, os comandantes Mitre, Flores e Polidoro (substituto de Osório) resolveram atacar a fortaleza de Curupaiti no dia 22/09/1866. Quem comandou o ataque foi o General Bartolomé Mitre, com cerca de 10 mil soldados brasileiros (do 2º Corpo do Exército, sob o comando de Marques de Souza, mais 5 batalhões do 1º Corpo do Exército, além de 9 mil soldados argentinos e 24 bocas de fogo). Sem discutir as causas da derrota, já que este não é nosso objetivo neste artigo, Curupaiti foi o maior revés dos aliados, causando a morte de, pelo menos, 400 brasileiros e cerca de 700 argentinos.

A derrota em Curupaiti provocou mudanças significativas nos comandos de guerra das forças aliadas, como a ascensão de Luis Alves de Lima e Silva (na época, Marquês de Caxias, em outubro de 1866 ao comando do exército brasileiro no Paraguai. Além disso, depois da batalha de Curupaiti até a ofensiva à fortaleza de Humaitá, que aconteceria somente a partir de julho de 1867, houve um interregno da guerra, um longo período de inércia das tropas aliadas. Tal intervalo foi aproveitado por Caxias para reorganizar as forças aliadas.

Câmara, aproveitando-se dessa relativa calma após o malogrado ataque a Curupaiti, solicitou uma licença, visto que ele vinha atuando na fronteira meridional desde o ano de 1864. Assim sendo, em 22 de outubro de 1866 ele conseguiu uma licença de saúde de 4 meses.

José Antonio Correa da Câmara retornou ao Paraguai, ao Passo da Pátria, em 18 de abril de 1867, quando se apresentou ao comandante-em-chefe do exército aliado, Marquês de Caxias. Logo após sua chegada, Câmara foi nomeado por Caxias Ajudante e Quartel-Mestre-General das forças estacionadas em Corrientes, embarcando com cerca de 400 homens para aquela cidade, em razão de ataques de correntinos aos depósitos dos aliados. Corrientes era importante cidade para os aliados, tanto do ponto de vista estratégico como simbólico, pois foi nessa cidade que, após o rechaço das forças paraguaias, havia sido assinado o Tratado da Tríplice Aliança em 1º de maio de 1865.¹⁰ Em junho de 1867 as forças aliadas, sob o comando de Caxias, se preparavam para o que viria a ser uma nova fase da guerra, com a marcha de flanco em direção a Humaitá, primeiros movimentos do exército aliado desde Curupaiti. No mês seguinte, José Antonio Correa da Câmara foi nomeado ajudante e quartel-mestre-general do 3º Corpo do Exército, sob o comando de Manoel Luis Osório (Marquês do Herval), que marchou no mesmo mês, entre os dias 22 e 31 de julho, contra Humaitá, de Tuiuti a Tui-Cuê,

10 CÂMARA, Rinaldo Pereira da. Marechal Câmara: sua vida militar (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970. As cartas utilizadas como fonte nesse artigo foram selecionadas do livro do General Rinaldo Pereira da Câmara, neto do nosso personagem objeto de pesquisa.

com mais de 8 mil homens e com o objetivo de cortar as comunicações das tropas paraguaias estacionadas na região com Assunção. Concentradas em julho de 1867, algumas batalhas aconteceram nos meses seguintes, como a segunda batalha de Tuiuti, que foi em 03/11/1867. Com o combate de Tuiu-Cuê, em 31 de julho, encerrou-se a denominada 1ª fase de manobra envolvendo Humaitá, durante a qual, como vemos, Câmara atuou na vanguarda do 3º Corpo do Exército. Também nesse momento ocorreu a troca de comando das forças aliadas, assumindo o General Mitre e Caxias retornando ao comando das forças brasileiras. Importante disso é que Caxias nomeia o então Coronel Câmara como chefe de Estado-maior interino, cargo que ocupará até o retorno de seu ocupante efetivo, o Coronel Fonseca Costa, em 15 de outubro de 1867.

De acordo com as Cartas encontradas no livro de Rinaldo Pereira da Câmara, em 3 de outubro de 1867, de Tuiu-Cuê, Câmara, escrevia uma carta à sua esposa Maria Rita¹¹, expressando seu gosto maior pela ação militar do que pelo ofício burocrático. Ao informar que Caxias o havia mandado com uma Divisão de Cavalaria e dois Batalhões de Infantaria percorrer a costa do Arroio Hondo, que deságua no rio Paraguai, próximo a Humaitá, relatou assim sua atuação contra os paraguaios:

[...] o que fiz até um quarto de légua distante daquela fortaleza, queimando os ranchos que eles tinham pela costa, cortando o fio elétrico, e pondo-lhe fogo no campo. Fui muito feliz, porque recolhi-me ao Quartel-General sem ter tido um só ferido, tendo por algum tempo, tendo por algum tempo, estado com uma força pequena em guerrilhas com os Paraguaiois. O calor que aqui começa a fazer é intolerável, mas apesar disso tenho, graças a Deus, gosado perfeita saúde. Tem se dado alguns casos de cólera, havendo também no acampamento inimigo, que teve ultimamente, 2 generais atacados. Adeus minha querida Maria Rita.¹²

Aqui vemos, além das informações sobre a saúde de Câmara e sua reclamação sobre o clima quente paraguaio, atitudes nem “tão nobres” de nosso ilustre personagem, como queimar ranchos e colocar fogo nos campos, mas que, por outro lado, faziam parte de ações em época de guerra, ainda mais de uma guerra total¹³ como foi o conflito com o Paraguai.

11 Maria Rita Fernandes Pinheiro nasceu em Porto Alegre em 23 de junho de 1829 e era filha de José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de São Leopoldo), que estudou na Universidade de Coimbra e veio ao Rio Grande do Sul para ser Juiz da Alfândega em Porto Alegre em 1804. Fernandes Pinheiro participou, como coronel, no Exército Pacificador (1811/12). Em 1820, no contexto da Revolução do Porto, foi eleito deputado nas Cortes de Lisboa pela Província de São Paulo. Com a independência ele aderiu a D. Pedro I, sendo eleito para a Assembleia Constituinte pelo Rio Grande do Sul e, quando esta foi dissolvida, ele foi nomeado, em março de 1824, Presidente da Província do Rio Grande do Sul. Em 1826 o Visconde de São Leopoldo assumiu o Ministério do Império, quando também foi escolhido senador pelo Rio Grande do Sul, instituição em que atuou até 1843, quando se afastou por problemas de saúde. Do ponto de vista da produção do conhecimento histórico, Fernandes Pinheiro é considerado o primeiro historiador do Rio Grande do Sul, por ter escrito em 1819 os “Anais da Capitania de São Pedro”. Ou seja, o sogro de José Antonio Correa da Câmara era uma das principais lideranças da Província, tanto como político e intelectual como também militar, o que nos ilustra ainda a prática usual dos casamentos entre membros da elite como a formação de redes familiares que oferecem condições para a concentração de patrimônios e o fortalecimento do poder e status de seus componentes, fundamentalmente dos homens atuantes no mundo da política brasileira dos oitocentos. Para mais informações ver CARVALHO, Mario Teixeira de. Nobiliário sul-riograndense. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

12 CÂMARA, Rinaldo Pereira da. Marechal Câmara: sua vida militar (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 185-186.

13 Guerra total é um conflito bélico no qual os países envolvidos mobilizam todos os recursos disponíveis pela sociedade para o enfrentamento. Para mais informações consultar: HOBBSAWM, Eric. A era dos extremos: o breve século XIX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 30.

Em 29 de janeiro de 1868, o Marquês de Caxias nomeou Câmara comandante da 5ª Divisão de Cavalaria, que gostou da nomeação, pois tal cargo lhe daria mais importância e maior vencimento e, por isso, afirmava que estava “muito obrigado ao Caxias, de quem constantemente recebo provas de estima”.¹⁴ Ao longo da primeira metade de 1868 houve a 2ª fase das operações contra Humaitá, na qual a participação de Câmara, comandando a 5ª Divisão de Cavalaria, foi expressiva, pois tomou parte desde o combate de 21 de março daquele ano, quando as forças aliadas avançaram e fizeram com que boa parte das forças paraguaias se direcionasse para a região do Chaco e outra se refugiou em Humaitá, já sitiada.

A conquista de Humaitá se deu em julho de 1868 e tal evento pode ser considerado como o momento decisivo da guerra em favor das forças aliadas. Como afirmou Vitor Izecksohn,

[...] para todos os fins práticos, com o rio Paraguai sobre controle, Humaitá destruída e Assunção sob risco de invasão iminente, a guerra estava terminada. O próprio Caxias propôs isso ao Imperador, afirmando que seria perda de tempo e dinheiro insistir no que chamava de ‘uma guerra de postos’ [...].¹⁵

Depois da conquista de Humaitá, o exército aliado, com os 1º e 3º Corpo, rumou para o norte, de Para-Cué a Palmas. Entre agosto e dezembro de 1868, ocorreram batalhas importantes como Avaí, Itororó e Lomas Valentinas, vitórias aliadas que permitiram praticamente a aniquilação das forças paraguaias e também propiciaram a tomada de Assunção pelas tropas aliadas em janeiro de 1869. Solano López fugiu para o interior do país, em direção à Cordilheira de Ascurra. Para Caxias, que retornou ao Brasil, a guerra estava terminada, todavia, para o Imperador, o conflito só teria fim com a caçada final e captura de López.

A Campanha da Cordilheira e a perseguição e morte de Solano López

Do Quartel-General da Vila da Conceição, nos meses de janeiro e fevereiro de 1869, Câmara passou a monitorar cotidianamente os deslocamentos de Solano López. Nas correspondências enviadas ao Marechal Vitorino José Carneiro Monteiro (Barão de São Borja)¹⁶, Câmara tentava controlar os passos de López, para tanto, possuía como fonte de informações prisioneiros e desertores paraguaios, por exemplo, quatro

14 CÂMARA, 1970, p. 193.

15 IZECKSOHN, Vitor. A Guerra do Paraguai. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (org.). O Brasil Imperial, v II: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 411-412.

16 Vitorino José Carneiro Monteiro nasceu em Recife em 1816 e faleceu em Porto Alegre em outubro de 1877. Chegou ao Rio Grande do Sul em meio a Farrroupilha, alistando-se do lado dos legalistas em 1837. Monteiro casou-se em fevereiro de 1842 com Benevuta Amália Ribeiro, filha do Marechal Bento Manoel Ribeiro. Na Guerra do Paraguai, já Brigadeiro do exército imperial, participou de várias batalhas importantes e, após o conflito, assim como Câmara, Osório e outros militares, ganhou prestígio social e político, recebendo em 1870 o título de Barão de São Borja. Em 1871 foi Comandante das Armas da Província do Rio Grande. In: CARVALHO, Mario Teixeira de. Nobiliário sul-riograndense. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

mulheres citadas por ele em missiva de 4 de fevereiro de 1869, que haviam dito que López havia seguido para Dourados com apenas três e bocas de fogo.

No decorrer do texto, Câmara oferecia mais detalhes das condições em que se encontravam as forças paraguaias que ainda resistiam:

Uma única família decente, a do General Caballero acompanha a força, mas marchando a pé. [...] A maior parte dos oficiais de López tem desertado, e está foragida nos bosques. Para os substituir ele promove jovens de tenra idade. Em sua fuga o acompanham os generais Resquin, Caballero, Delvalle e Roas.¹⁷

Apesar das dificuldades em termos de recursos para alimentar as forças, mas contando com a “situação precária do inimigo”, nas próprias palavras de Câmara, era imprescindível alcançar López antes que este chegasse a Dourados e se reanimasse com seus “abundantes campos”.¹⁸

O empenho de Câmara e suas iniciativas no encalço das tropas de López também são comprovados pelas correspondências trocadas entre ele e Manoel Luís Osório. Em diversas correspondências trocadas entre os dois, como demonstrou o historiador Guilherme Grundling, Câmara afirmava sua disposição em capturar López, como em trecho que destacamos da carta do dia 13 de fevereiro de 1869: [...] Nada de novo neste Exército, que se conserva como V. Exa deixou [...] espero mais tarde a V. Ex. porque para mim é certo que teremos necessidade de ir procurar o López onde quer que ele esteja.¹⁹

Sendo assim, iniciou-se, em abril de 1869, a Campanha da Cordilheira, uma longa e cansativa guerra de guerrilhas, principalmente na segunda metade do ano de 1869 e primeiros meses de 1870, para capturar López e seus seguidores. Após as derrotas de 1868, Solano López fugiu para a Cordilheira de Altos e fixou seu comando em Peribeubú. Segundo Francisco Doratioto, nesta fase da guerra, as forças aliadas objetivaram combater os pontos de apoio do inimigo e as fontes de recursos. Para tal, os aliados invadiram as vilas de Rosário, San Pedro e Vila Rica, arrecadaram gado por toda parte, e a fundição de Ibicuí, onde se produziam, por exemplo, os canhões paraguaios, foi destruída em maio de 1869. No mesmo período, as tropas brasileiras avançaram rumo a Cordilheira, ocupando Cerro León e Paraguari, concluindo-se o controle aliado da única ferrovia, cujo trajeto percorria Assunção a Paraguari. A participação de Câmara nesse evento foi lembrada assim por Doratioto.

Como saldo dessas ações de maio de 1869, além do saque realizado pela cavalaria

17 CÂMARA, Rinaldo Pereira da. Marechal Câmara: sua vida militar (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 393.

18 CÂMARA, Rinaldo Pereira da. Marechal Câmara: sua vida militar (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 393-394.

19 OSÓRIO, Fernando Luis. História do General Osório. Pelotas: Tipografia do Diário Popular, v. 2, 1915, p. 544-545 apud GRUNDLING, Guilherme de Mattos. Política e sociabilidade no século XIX: a relação entre o Visconde de Pelotas e o Marquês do Herval. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PPGH/UFRJ, 2019.

rio-grandense e dos abusos sexuais sofridos pelas mulheres que se encontravam na região, Câmara havia ordenado a degola da maior parte dos prisioneiros:

[...] Assim, San Pedro foi atacada e ocupada em 25 de maio e, em 30 de maio, Câmara travou combate na várzea de Tupi-hú com as forças do major Galeano. A batalha irrompeu sob chuva e durou quase duas horas. Foram aprisionados oitocentos paraguaios, os demais mortos e poucos conseguiram fugir. Dezoito canhões, ouro e prataria, e milhares de reses constituíram presa de guerra e Câmara mandou degolar a maior parte dos prisioneiros. Houve saque, realizado pela cavalaria rio-grandense, que chegou depois da ocupação de San Pedro pela infantaria brasileira [...].²⁰

Essa operação em San Pedro fora comandada por Câmara, e reuniu quatro batalhões, cinco Corpos e doze bocas de fogo para enfrentar as forças paraguaias lideradas pelo Comandante Galeano. Para sua esposa, Maria Rita, Câmara relatava, em 2 de junho de 1869, os detalhes da operação contra Galeano, dizendo que comandava cerca de 1.200 homens de infantaria, artilharia e cavalaria, reclamava do calor e descrevia os terrenos banhados em que se davam as batalhas. Do combate ele afirmava que conseguiram fazer mais de 300 prisioneiros, tendo morrido cerca de 500 paraguaios, além da obtenção de armamentos, carretas, e por volta de 2.000 reses e cerca de 400 bois. Todavia, a situação, conforme Câmara, era “horrrível”, pois as famílias estavam “na maior miséria e nudez”. Concluía a missiva, por outro lado, dizendo à esposa que guardava para ela uma rede “muito bonita” e um papagaio “raríssimo” que, segundo ele, era do comandante paraguaio Galeano, e para Maria José, sua filha, tinha uma arara que falava guarani.²¹

Quanto ao comando das forças do Império do Brasil, em substituição a Caxias, assumiu em abril de 1869, Luis Felipe Fernando Gastão de Orleans (Conde d’Eu), genro de D. Pedro II, como Comandante das tropas brasileiras. Quando da chegada do Conde d’Eu ao Paraguai, muito sugestiva foi a opinião de Câmara sobre a vocação militar de Gastão de Orleans que, naquele momento, possuía apenas vinte e sete anos e pouca experiência militar. Do acampamento de Lambaré, em 21 de abril de 1869, ele emitiu a seguinte opinião:

O Conde d’Eu aqui está desde o dia 15 ou 16 deste mês, nos passando em revista um dia destes. O pobre rapaz tem tanto de soldado quanto eu tenho de frade, e estou certíssimo de que seu comando será árido em resultados. Vem qual barbeiro novo aprender a fazer a barba na cara dos tolos.²²

20 DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 403-404.

21 CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 281-282.

22 *Idem*, p. 280.

O comando de Conde d'Eu realmente não foi fácil, pois, além do desânimo de muitos soldados que já estavam há muito tempo no Paraguai, houve também diversas dificuldades operacionais como atraso nos salários, desconhecimento do terreno, multiplicação de refugiados paraguaios e o grave problema de abastecimento de alimentos das tropas, provocando a fome dos soldados estacionados nos acampamentos de Potreiro Capivari e São Joaquim. Por intermédio das correspondências trocadas entre Câmara e o Conde d'Eu percebe-se todos esses problemas. O que parecia mais afligir e desgastar seu comando era mesmo o desabastecimento, como se pode inferir em carta enviada pelo Conde à Câmara em 19 de outubro de 1869:

Nós aqui (Potreiro de Capivari) ainda não podemos avançar por falta absoluta de alimentação, não nos resta nem carne nem farinha. Se Vossa Excelência encontrar gado não se esqueça portanto de mandar para o Rosário, como já recomendei nas minhas instruções.²³

Segundo Mary del Priore, Gastão de Orleans sofrera um revés, pois sua pressa em percorrer o trajeto de Rosário a San Estanislau deixou as tropas sem abastecimento. Além disso, o Conde resolvera fazer nova licitação para o fornecimento das tropas, pois corriam boatos de que os fornecedores, as companhias Lesica e Lanus, “protegidos de Caxias”, teriam obtidos altos lucros a custa das forças brasileiras. De acordo com a historiadora Del Priore, em correspondência trocada entre o Conde d'Eu e D. Pedro II, Gastão de Orleans afirmava que havia acabado “a última rês” e para substituí-la não tinha “nem charque, nem farinha, nem coisíssima nenhuma”. O próprio Conde, continua Del Priore, emagrecia e se deprimia pela situação: “Nas fotografias que enviou a Isabel, não se reconhecia mais o jovem delgado e elegante, mas um oficial cansado, de barba crescida, farda amassada e botas sujas. Ele também não comia, não dormia, afundava em depressão. Envelheceu a olhos vistos!”²⁴

Além desses problemas com o abastecimento das forças aliadas e com o ânimo do Conde d'Eu, havia ainda a extrema dificuldade em resolver o destino dos prisioneiros paraguaios, tanto combatentes como a população em geral, principalmente mulheres e crianças. Em 19 de junho 1869, desde seu acampamento em São Pedro, Câmara enviava outra carta à Maria Rita, dizendo que havia embarcado para Assunção mais de 3.000 mulheres que havia tomado de Galeano na batalha travada em Tupi-hú, no estado de maior miséria que se podia imaginar.²⁵ Após a conquista de Assunção e as posteriores batalhas vencidas pelos aliados, o que restava da população paraguaia era

23 IHGRS, Fundo General Câmara, Correspondência recebida, 19/10/1869.

24 DEL PRIORE, Mary. O castelo de papel: uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orléans, conde d'Eu. Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p. 114-115.

25 CÂMARA, Rinaldo Pereira da. Marechal Câmara: sua vida militar (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 281-282.

basicamente velhos, crianças e mulheres. Conforme Alberto Moby Ribeiro da Silva, a cidade de Assunção, no auge da ocupação contava com cerca de 30 mil soldados aliados e foi sendo povoada por mulheres prisioneiras de guerra.²⁶ Dionísio Cerqueira, que lutou na Guerra do Paraguai e escreveu um texto de memórias sobre sua experiência, nos oferece um relato interessante acerca da relação entre as forças de ocupação e as mulheres paraguaias, que se encontravam nos arredores de Assunção escondidas no topo de uma árvore:

[...] vi mulheres escondidas na ramalhada, transidas de pavor, algumas com os filhos nos braços. Embaixo, soldados convidavam-nas a descer, e elas, como galo da fábula, desconfiavam das lábias das velhas raposas [...].²⁷

Nas forças aliadas, é necessário lembrar, também estavam presentes muitas mulheres. Como observou Ricardo Salles, o exército aliado era seguido por mulheres que “durante toda a campanha acompanharam o exército. Eram prostitutas buscando obter lucros da situação, eram esposas e amantes que seguiam seus companheiros, eram mães que buscavam dar apoio e cuidados a seus filhos”.²⁸ Considerando a dimensão das forças em disputa, principalmente nessa fase final da guerra, as mulheres brasileiras, argentinas e uruguaias eram mulheres do lado mais forte da disputa naquele momento, o que, entretanto, não eliminava seu sofrimento, apenas menor, quem sabe, do que o das mulheres paraguaias.

No encalço das forças de López, no início do mês de agosto de 1869, as tropas aliadas se organizaram para realizar a denominada manobra de Peribebeú, na então capital provisória de López. Juntamente com o 1º Corpo do Exército comandado por Manuel Luis Osório (Visconde do Herval), uma guarda de flanco liderada por João Manuel Menna Barreto, Câmara incorporou sua divisão de cavalaria ao 2º Corpo do Exército do General Polidoro Quintanilha Jordão, dias depois comandado por Vitorino José Carneiro Monteiro. As forças argentinas eram lideradas por Emilio Mitre. Em relação às forças aliadas, desde o início do mês de agosto, o 1º Corpo do Exército marchou de Piraju para Paraguari, depois, juntamente com o 2º Corpo do Exército para a região serrana de Valenzuela, de onde partiram para o ataque à Peribebeú.

Segundo Doratioto,²⁹ a defesa de Peribebeú era composta por cerca de 1.800 homens de infantaria e artilharia do exército, comandados pelo Coronel Pablo Caballero, enquanto as forças aliadas somavam mais de 21.000 homens. Em 12 de

26 SILVA, Alberto Moby Ribeiro da. A ‘regeneracion’ paraguaia após a guerra da Tríplice Aliança e o papel da mulher. *História: debates e tendências*, v. 11, n. 2, jul./dez. 2011.

27 CERQUEIRA apud SILVA, Alberto Moby Ribeiro da. A ‘regeneracion’ paraguaia após a guerra da Tríplice Aliança e o papel da mulher. *História: debates e tendências*, v. 11, n. 2, jul./dez. 2011, p. 190-191.

28 SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1990, p. 125.

29 DORATIOTO, 2003, p. 407.

agosto de 1869 começou o bombardeio pela artilharia brasileira e o General João Manuel Menna Barreto com sua cavalaria comandou dois ataques, que foram rechaçados pelos paraguaios.

No terceiro ataque, como relatou Câmara a Maria Rita, em 13 de agosto de 1869, Menna Barreto morreu em combate:

[...] Tivemos, porém, uma grande perda com a morte do João Manuel, ferido mortalmente de metralha, quando já estavam os nossos soldados na trincheira. A bala cortou-lhe a artéria, e ele expirou 9 minutos depois de ferido, (...) Perdi mais um amigo de infância! Estou, pois, sob uma impressão bem desagradável, e desde ontem passo incomodado. (...) Os paraguaios tinham 1.400 homens e 15 bocas de fogo. Tudo ficou em nosso poder, porque os que não morreram caíram prisioneiros. Vi crianças de 6 anos despedaçadas pela artilharia e algumas mulheres mortas de feridas! Não te imaginas quanto há de terrível nesta maldita guerra de extermínio. Marchamos hoje para Caocupé³⁰, onde tem o López a sua fundição de artilharia e forças fortificadas. Estou sem cartas tuas. Não sei, assim, se tens recebido as que te tenho escrito desde S. Pedro... Adeus minha querida Maria Rita. Abraça os nossos filhos e lembra-me a todos da família. Teu marido e amigo Jé.³¹

A morte de Menna Barreto abalou Câmara, que também chamava atenção em seu texto para os horrores da “maldita guerra de extermínio” que, além do combate desigual entre as forças, matava-se muito, como ele fazia questão de destacar, mulheres e crianças paraguaias. O relato de Câmara, salientando a presença de mulheres e crianças nas batalhas é muito semelhante às descrições, por exemplo, de Dionísio Cerqueira e do Visconde de Taunay que, quando lutaram em Peribebeú, evidenciaram em seus textos a presença de “soldados” paraguaios de pouca idade.³²

A carta acima de Câmara a sua esposa Maria Rita nos faz lembrar que tal fonte histórica, do ponto de vista teórico-metodológico, assim como diários, memórias pessoais e autobiografias, como observou o historiador Renato Lemos, permitem que os historiadores exercitem algo próprio dos seres humanos, o fascínio pelas histórias da vida privada. A carta íntima, pelo seu caráter essencialmente pessoal, próximo a um diário, como as trocadas entre o General Câmara e Maria Rita, possuem – com certas reservas – a marca da sinceridade, um “efeito de real” significativo, pois constituem uma conversa a dois, sem testemunhas presentes e com a finalidade de “abolir a

30 Em Caacupé, no dia 15 de agosto de 1869, o General Osório, que, apesar de seus problemas de saúde, havia retornado ao Paraguai em junho do mesmo ano a pedido do Conde d'Eu, deixou o comando do 1º Corpo do Exército e voltou ao Brasil em dezembro daquele ano. Para mais informações ver: OSÓRIO, Fernando Luis. História do General Osório. Rio de Janeiro: Typographia de G. Leuzinger & Filhos, 1894 e DORATIOTO, Francisco. General Osório: a espada liberal do Império. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

31 CÂMARA, Rinaldo Pereira da. Marechal Câmara: sua vida militar (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 301.

32 Ver TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. Memórias. São Paulo: Melhoramentos, 1946 e CERQUEIRA, Dionísio. Reminiscências da campanha do Paraguai: 1865-1870. Rio de Janeiro: Bibliex, 1980.

distância” entre as pessoas.³³

Retomando o contexto bélico do Paraguai, da Vila do Rosário, em 7 de outubro de 1869, Gastão de Orleans, depois de comentar que o Ajudante de Ordens havia realizado um interrogatório com prisioneiros paraguaios, informava a Câmara a respeito da possibilidade de Solano López e suas forças estarem ao norte do Rio Jejuy. Mais uma vez, o Conde d’Eu salientava que cabia à Câmara a missão de caçar López. Era o início da fase final da guerra, com as expedições organizadas por Câmara ao norte do rio Jejui:

Não creio que López esteja, como eles dizem, ao Norte de Jejuy. Bem pode ser porem que quando for tocado deste lado por nós, para aí se dirija. Neste caso, a V. E toca caça-lo e não posso deixar de encarecer a glória que resultarão para as armas brasileiras e para V. E se porventura lhe cair nas mãos.³⁴

O Conde finalizava sua missiva informando que a esquadra estava avisada para “por a disposição de V. Ex. os navios necessários com a maior brevidade possível”. Ou seja, o Conde d’Eu havia confiado à Câmara e alguns outros comandantes a perseguição a Solano López. Assim sendo, a Campanha da Cordilheira se alongava e cada vez mais Câmara se envolvia nas operações.

Correspondência enviada pelo Comandante da 1ª Divisão de Esquadra, Vitório José Barbosa da Lomba, a bordo de uma lancha no rio Jejuy, na localidade de Pasu-Machú, informava que havia recebido carta de Câmara solicitando que ele enviasse 115 prisioneiros paraguaios, inclusive 5 oficiais, à Assunção. Lomba relatava que tais prisioneiros estavam vindo à São José, seguiriam até a foz do rio Jejuy pela lancha Henrique Martins e depois seriam passados para o transporte Tigre até Assunção. Pelo que constatamos nas correspondências, o destino dos prisioneiros após os conflitos bélicos era um problema para as forças aliadas. O que fazer com eles era a preocupação dos comandantes que, muitas vezes, negociavam com outros oficiais a remessa dos prisioneiros para Assunção.³⁵

Ainda em outubro de 1869, o Conde d’Eu, em resposta a uma carta de Câmara, informava que iria aumentar o número de combatentes a sua disposição. Desde Santo Estanislau, o Conde dizia que aumentaria as forças disponíveis sob Comando de Câmara com homens da 2ª Companhia do Exército, que já haviam recebido ordens para estacionar no Rosário com o Marechal Vitorino. Acrescentava Gastão de Orleans que Câmara deveria arrebanhar “todo o gado possível” do Distrito da Conceição e derrotar os chefes militares paraguaios Galeano e Bogado, cujas forças deveriam ter cerca de mil

33 LEMOS, Renato. *Bem traçadas linhas: a história do Brasil em cartas pessoais*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004, p. 11-13.

34 IHGRS, Fundo General Câmara, Correspondências recebidas, 07/10/1869.

35 IHGRS, Fundo General Câmara, Correspondência recebida, 04/06/1869.

homens. Além disso, o Conde estimava que Lopez estivesse em Curuguaty.³⁶

Um mês depois, em novembro de 1869, o Conde d'Eu elogiava Câmara por estacionar no rio Apa um Corpo de Cavalaria para “privar o inimigo de receber recursos” e quem sabe capturar gado. Ele renovava sua determinação para o Marechal Vitorino fornecer os dois Corpos de Cavalaria e preocupado com a munição dos soldados de Câmara, perguntava se:

com a escassez de munição do inimigo” - não seriam suficientes os cem cartuchos que cada soldado levava consigo, desde que não desperdiçassem, o que poderia ser obtido “com alguma disciplina e cuidado da parte dos Comandantes dos Corpos.³⁷

Em janeiro de 1870, outro comandante brasileiro importante, Polidoro Quintanilha Jordão, deixava o Paraguai rumo ao Rio de Janeiro e, de certa maneira, reconhecia Câmara como aquele que possuía as condições necessárias para capturar López. Em carta desde Assunção, Quintanilha Jordão, se despedia, afirmando o apreço que possuía por Câmara e dizia mais:

Aceite pois V. Exa este sinal de quanto reconheço e preso as distintas qualidades da pessoa de V. Exa, a quem desejo muitas felicidades, e que consiga, como estou persuadido que sucederá, ganhar os últimos louros da vitória na guerra de honra para o nosso país.³⁸

Nos meses seguintes, pelo visto, com a dificuldade de encontrar López, o desânimo do Conde d'Eu se acirrou. Estacionado na Vila do Rosário, Gastão de Orleans escreveu a José Antonio Correa da Câmara em 6 de fevereiro de 1870, dizendo que vivia “tão amofinado” que não se julgava capaz de dar ordens “nem formar juízo sobre cousa alguma relativa às operações” e que sua atividade, naquele momento, se resumia a envolver-se com a retirada para o Brasil dos voluntários da pátria e que:

Quanto à perseguição à Lopez a entrego ao Marechal e a Vossa Excelência, certo que se for possível capturar esse monstro, ele será por Vossa Excelência. Assim terá a Nação Brasileira mais um dia de fulgente brilho, cuja glória reverterá toda para Vossa Excelência, pois não me reconheço com direito para dela reter o menor quinhão para mim.³⁹

36 IHGRS, Fundo General Câmara, Correspondência recebida, 14/10/1869.

37 IHGRS, Fundo General Câmara, Correspondência recebida, 14/11/1869.

38 IHGRS, Fundo General Câmara, Correspondência recebida, Janeiro de 1870.

39 IHGRS, Fundo General Câmara, Correspondência recebida, 06/02/1870.

A caçada à López concluiu-se em 1º de março de 1870, quando uma escolta de cavalaria e infantaria brasileira, comandada pelo nosso personagem José Antonio Correa da Câmara, encontrou, em Cerro Corá, as últimas forças paraguaias ainda resistentes nas proximidades do rio Aquidaban, região de Amambay, não muito longe da fronteira com o Mato Grosso. Após combate, López foi morto e a guerra, “o mais longo conflito das Américas” até então, encerrada. Do Passo Negla, em 7 de março de 1870, assim descrevia Câmara à Maria Rita o fim derradeiro da guerra e de Solano López:

Mil graças a Deus! Está finalmente terminada a guerra! No dia 1º deste mês, as 11 e meia horas da manhã surpreendi López no seu acampamento na serra de Maracaju, junto a um arroio chamado Aquidaban. (...) Tenho 70 e tantos oficiais prisioneiros, (...) Salvamos a mãe de López e duas irmãs⁴⁰, que estavam com ordem de serem mortas, e que só devem a salvação à prontidão com que ataquei. Linch e quatro filhos estão também em nosso poder, tendo morrido o mais velho, que era coronel, (...) López estava ferido quando o encontrei (...) Falei-lhe intimando que me entregasse a espada, considerando-me seu prisioneiro, e que lhe estava garantida a vida; a resposta que me deu foi ameaçar-me com a espada dizendo-me: ‘Não lhe entrego a minha espada; morro com a minha espada e pela minha pátria.’⁴¹

Em julho de 1870, Câmara se preparava para, finalmente, retornar ao Brasil. Para tal, havia solicitado dispensa ao ministro plenipotenciário no Paraguai, José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco). Em 9 de julho daquele ano, Paranhos, dizendo-se “atento a saúde” de Câmara e também observando que as forças brasileiras existentes em território paraguaio seriam diminuídas naquele mês a uma Divisão, responde positivamente a solicitação de Câmara, concordando com seu retorno ao Brasil. Entretanto, salientava Paranhos que:

[...] o desejo do Governo Imperial fora que V. Exa conservasse o comando que tão dignamente exerce até que chegasse o momento de desocuparmos inteiramente o território paraguaio. Mas o Governo Imperial não podia querer que essa conveniência, em que vai também o apreço devido ao vencedor em Cerro Corá, seja anteposta ao perigo que corre a vida de V. Exa, por esse exercício e pela falta de comodidades e cuidados que só pode encontrar no seio de sua família [...] eu não hesito em tomar sobremim (sic) a responsabilidade de autorizar a retirada de V. Exa.⁴²

41 CÂMARA, Rinaldo Pereira da. Marechal Câmara: sua vida militar (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 421.

42 IHGRS, Fundo General Câmara, Correspondência recebida, 09/07/1870.

Para concluir, gostaríamos de reafirmar a importância heurística do uso das correspondências na pesquisa histórica, visto que, por intermédio de algumas missivas trocadas por Câmara com sua esposa, Maria Rita, bem como com seus colegas de farda e também políticos do Império, foi possível demonstrar outra faceta da história da Guerra do Paraguai, expondo o testemunho de um comandante militar que esteve presente em quase todo o tempo que perdurou o conflito e em batalhas importantes. Câmara apresentou relatos privilegiados, tanto em relação ao contexto bélico e suas relações com os demais envolvidos na guerra, principalmente as outras lideranças militares, como também no que dizia respeito aos assuntos da esfera privada, em que a dimensão humana e pessoal veio à tona, ao demonstrar um militar que, além das preocupações de caserna, tinha saudades de sua família, preocupava-se com a saúde e educação dos filhos e também narrava, à esposa, seus sentimentos e preocupações do cotidiano da guerra.

Com pertinência afirmou Ângela de Castro Gomes que é justamente neste espaço de investigação histórica, o domínio do privado, “que de forma alguma elimina o público, que avultam em importância as práticas de uma escrita de si” que não está tão interessada em “dizer o que houve”, “mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou (...)”.⁴³ Ora, foi justamente isso que objetivamos recuperar por intermédio das correspondências escritas por Câmara e recebida de seus interlocutores.

Do ponto de vista da dimensão política do nosso personagem na história, a participação de Câmara na Guerra do Paraguai fez com que ele se destacasse como grande comandante militar, sobretudo, pela sua participação desde a invasão do Uruguai, em dezembro de 1864, até sua atuação no desfecho do conflito, o que possibilitou a ele ascender a cargos na Corte imperial. E, quando o Conde D’Eu retornou ao Brasil, no final de abril de 1870, foi Câmara quem ficou no Comando Geral das tropas do Império no Paraguai. E, no retorno do Paraguai, em setembro de 1870, o General Câmara, como recompensa pelos serviços prestados na guerra, recebeu o título de Visconde de Pelotas. Com o término da guerra, a retribuição do poder imperial aos comandantes que lutaram foi a concessão de cargos políticos, comandos militares e da Guarda Nacional, bem como títulos de nobreza.

Segundo Jonas Vargas, entre as retribuições à elite do Rio Grande do Sul, “nenhuma foi maior que a nobilitação de guerreiros da província. Quase 70% dos títulos recebidos pelos rio-grandenses durante o período imperial foram concedidos após a Guerra do Paraguai”.⁴⁴ Portanto, Câmara era um caso típico de “senhor guerreiro rio-grandense” que, pelos serviços militares prestados recebeu do poder central, após o conflito, cargos, comandos e também o título nobiliárquico de Visconde de Pelotas.

43 GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

44 VARGAS, Jonas Moreira. Marechal, marquês e senador. Política, nobreza e guerra no Segundo Reinado a partir da trajetória do general Osório (1808-1879). História: Debates e Tendências, v. 10, n. 2, jul./dez. 2010, p. 244-263.

Do ponto de vista político-partidário, a partir da década de 1870, Câmara passou a ser uma das principais lideranças do Partido Liberal e, pelo que constatamos nas correspondências por ele recebidas, inseriu-se definitivamente na rede de sociabilidade de ilustres lideranças da política imperial.⁴⁵ Ao longo da análise das correspondências do fundo documental General Câmara, do acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS), identificamos os mais frequentes interlocutores de Câmara. Entre eles estavam, por exemplo, José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco), Luis Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias), Manoel Luis Osório (Marquês do Herval), Gaspar Silveira Martins, entre outros. Além do título de nobreza, Câmara agora fazia parte do *circulo dos grandes*, pois havia estabelecido laços de amizade e reciprocidade com importantes militares e políticos do Império. Logo após retornar do Paraguai, ele já recebia convites para frequentar a Corte e conviver com a elite política, como podemos ilustrar no seguinte convite feito pelo Duque de Caxias:

Espero que no domingo próximo 30 do corrente seja o dia que V. Exa. destine para jantar comigo. Não pretendo convidar se não 3 dos nossos companheiros da última campanha que pertenceram ao meu Quartel General a fim de podermos em família nos recordar de nossos passados trabalhos. A hora é a mesma que no campo, as 4 horas da tarde. Seu amigo e camarada. Andaraí, 28 de outubro de 1870. Duque de Caxias.⁴⁶

Ao enfatizar o seletivo grupo que havia convidado para o jantar, o Duque expressava a distinção que cabia agora à Câmara, bem como fazia questão de incluí-lo na “família” dos colegas de farda que deveriam recordar dos feitos realizados no Paraguai. Neste sentido, logo após a guerra e nas duas décadas seguintes, Câmara emergiria como liderança militar e política respeitável, ascendendo a cargos políticos no governo imperial, como Ministro da Guerra no gabinete liberal de José Antonio Saraiva e senador entre os anos 1880-1889. Com a República foi o primeiro Presidente do Estado do Rio Grande do Sul (15/11/1889-11/02/1890).

Recebido em 22 de julho 2019.

Aprovado em 03 de dezembro de 2019.

45 Assim como Maria Fernanda Martins, concebo a função da rede social para Câmara como a possibilidade dele estabelecer e desenvolver, com intensidade, nas duas últimas décadas do Império do Brasil, inestimáveis relações políticas, que iriam possibilitar a ele ocupar importantes cargos e, com isto, distribuir favores e concretizar benefícios e projetos pessoais. Ver: MARTINS, Maria Fernanda. O círculo dos grandes: um estudo sobre política, elites e redes no segundo reinado a partir da trajetória do Visconde do Cruzeiro (1854-1889). *Locus: Revista de História, Juiz de Fora*, v. 13, n. 1, p. 93-122, 2007.

46 IHGRS, Fundo General Câmara, Correspondência recebida, 28/10/1870.